

Rodas de funk: remixando música e política com alegria¹

Pablo LAIGNIER²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o caso das lutas recentes da APAFunk como um exemplo de organização política que não prescinde do fator entretenimento, ao promover rodas de funk com diversos integrantes para discutir assuntos de cunho e militância política. A primeira seção é composta de uma descrição antropológica da roda de funk que ocorreu durante o evento Rio+20; a segunda seção apresenta uma discussão a respeito da articulação da APAFunk nos últimos quatro anos, usando como material empírico trechos de textos publicados em seus próprios site e blog; a terceira seção apresenta uma discussão conceitual sobre como estas rodas de funk se constituem enquanto elemento que mistura política e alegria, racionalidade e forma sensível, a partir do aporte teórico da obra *As estratégias Sensíveis*, de Muniz Sodré.

Palavras-chave

Comunicação; Música; Entretenimento; Funk Carioca; APAFunk.

“A alegria é sem pecado, sem perdão e sem submissão” (SODRÉ, 2006, p. 223)

1. A Roda de Funk na Cúpula dos Povos

Rio de Janeiro, dia 21 de junho de 2012. Em meio ao evento Rio+20³, com todas as suas conotações político-ambientais, ocorria em paralelo na cidade do Rio de Janeiro o evento chamado Cúpula dos Povos⁴. Neste, com seus desdobramentos em diversos pontos da cidade citada, mas principalmente concentrado no Aterro do Flamengo, a sociedade civil organizada, através de representantes de diversos movimentos sociais, veículos comunitários, e associações sem fins lucrativos, discutia os temas considerados relevantes para a população brasileira. Em meio aos múltiplos eventos que tomavam conta do Aterro

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PPGCOM ECO/UFRJ e pesquisador do LECC/UFRJ, Mestre em Comunicação e Cultura (2002) e jornalista (1999) graduado pela mesma instituição. Organizador e autor de dois capítulos do livro *Introdução à História da Comunicação* (E-Papers, 2009). Contato: pablolaignier@yahoo.com.

³ A Rio+20 foi um evento que ocorreu em junho de 2012 na cidade do Rio de Janeiro. O evento contou com a participação de líderes de Estado de diversos países e serviu para marcar os vinte anos da ECO 92. Não se tratou de um evento comemorativo, mas de um conjunto de reuniões (plenárias) em que foram analisadas questões político-ambientais e como as propostas da ECO 92 foram ou não cumpridas. Mais informações sobre o evento podem ser acessadas em: <http://www.rio20.gov.br/>, última consulta em 25/06/2012.

⁴ A Cúpula dos povos foi um evento paralelo à Rio+20, em que a sociedade civil organizada apresentou os seus problemas e questões. Houve uma série de discussões e a elaboração de um documento final. Mais informações estão disponíveis em: <http://cupuladospovos.org.br/>, última consulta em 25/06/2012.

do Flamengo, no dia 21 de junho haveria uma roda de funk promovida pela APAFunk e seus parceiros de mobilização política⁵.

Como pesquisador do assunto funk carioca, resolvi ir à roda, a respeito da qual fiquei sabendo alguns dias antes, por e-mail recebido através da minha rede de contatos. Já havia ido anteriormente a diferentes eventos deste tipo, desde o ano de 2009, quando, em abril, fui a minha primeira roda de funk, na Central do Brasil. Já fui a outras rodas nestes últimos anos, principalmente entre 2009 e 2010, quando estive, por exemplo, em rodas de funk nos bairros do Irajá (Zona Norte do Rio de Janeiro), no Campus do Fundão⁶ e no evento de lançamento da cartilha sobre os MCs⁷. Em todas as rodas em que estive presente, a alegria imperou como elemento substantivo de uma mobilização política que, apesar do tom grave e sério das afirmações dos integrantes da APAFunk, conseguiu entreter sua audiência para além da política somente panfletária. A alegria do funk carioca e suas sensações e descargas emocionais já suficientemente sugeridas por autores como Vianna, Essinger, Herschmann, Sá, Facina, Dayrell e Lopes, por exemplo, estavam novamente ali presentes personificadas na roda do Aterro.

Como não ia a uma roda de funk e nem a um evento da APAFunk há mais de um ano, foi interessante rever algumas pessoas como MC Leonardo (Presidente da APAFunk), MC Teko (Vice-presidente da APAFunk), MC Markinhos, e até ver pela primeira vez alguns nomes do funk dos anos 1990 que não estiveram em outras rodas de funk as quais presenciei, como Amaro (da dupla Suel e Amaro). Pela primeira vez desde que comecei a pesquisar o assunto, fui a uma roda de funk sem a preocupação de fazer anotações detalhadas, embora carregasse no bolso um bloquinho de papel e uma caneta, caso fossem necessários.

Cheguei na roda por volta das 19:20h e, embora o evento estivesse marcado para as 18:00h, soube através de uma moça jovem oriunda do município de Niterói (que estava com a camisa da APAfunk) que a roda havia começado há pouco. Cerca de dois DJs se revezavam no equipamento montado no Aterro do Flamengo, em um ponto muito próximo à passarela que liga o Aterro à Glória, ao lado do monumento em homenagem a Getúlio Vargas.

⁵ A Revista Vírus Planetário, o movimento DPQ (Direito para quem?) e o Deputado Estadual Marcelo Freixo são alguns dos parceiros de luta política da APAFunk.

⁶ Um trabalho a respeito deste assunto foi elaborado por mim e aceito (será apresentado) no IV MUSICOM, em agosto de 2012.

⁷ Apresentei um trabalho sobre este assunto no XXXIII INTERCOM. O trabalho está disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0409-1.pdf>, última consulta em 29/06/2012.

Durante cerca de três horas, pois seu término ocorreu por volta das 22:00h, diferentes MCs, dentre eles principalmente os integrantes da APAFunk, cantavam funks de sua própria autoria e de outros MCs que não estavam presentes. A já citada presença do MC Amaro foi realmente o ponto alto da roda, pois este não esteve nas rodas de funk que presenciei nos anos de 2009 e 2010. Podia-se notar que o evento, ocorrido na Zona Sul do Rio de Janeiro, tinha um público que misturava os ativistas políticos de movimentos sociais e funkeiros comumente presentes nas rodas da APAFunk com alguns curiosos e outras pessoas que normalmente não frequentariam este evento. Havia muita coisa acontecendo no Aterro do Flamengo e, por exemplo, a presença de ativistas de outros estados era algo notório. Muitos MCs passaram pelo microfone da roda de funk, incluindo os já citados Markinhos, Leonardo (juntamente com seu irmão, Júnior), Teko, Amaro e até mesmo rappers (que poderiam ser considerados amigos do funk). Chegaram a se apresentar no evento alguns MCs desconhecidos, com músicas divertidas e de conotação política (citando, em crítica bem-humorada, o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho), o que demonstrava o caráter democrático do evento.

A respeito das rodas de funk que presenciei ao longo deste últimos três anos, posso afirmar que todas possuíam uma abertura para que MCs do funk carioca e até mesmo rappers que quisessem se manifestar tivessem a possibilidade de fazê-lo. Não costuma haver grandes censuras nas rodas de funk, havendo espaço para manifestações políticas e apresentação de canções inéditas (que ainda não foram veiculadas fonograficamente). A única regra que costumava existir nas rodas de funk de 2009 e 2010 era que não se podia repetir músicas ao microfone, coisa que ocorreu nesta última do Aterro do Flamengo (em que a estrofe da canção “Nosso Sonho”, da dupla Claudinho e Buchecha, que lista um número grande de favelas do Estado do Rio de Janeiro foi repetido, após a canção já ter sido cantada anteriormente) uma única vez. No mais, o clima da roda é de descontração, embora as manifestações de cunho político sejam a motivação principal de muitas delas, como o caso desta roda do Aterro do Flamengo. Outra motivação é a busca por visibilidade/audibilidade de MCs que estão fora do circuito fonográfico comercial nos últimos anos, por não terem contrato atualmente com os grandes produtores do funk carioca: marcas como Furacão 2000, Via Show Digital e BigMix.

Nesta roda do Aterro, porém, a motivação era claramente política: o objetivo era manifestar repúdio contra a resolução 013, que permite à Secretaria de Segurança Pública intervir e até mesmo proibir eventos de ordem cultural. Leonardo falou a respeito disto no

microfone diversas vezes, chamando a atenção do público para o fato de que havia um abaixo-assinado com uma integrante da APAFunk, ao lado da roda de funk, para que as pessoas pudessem assinar, afirmando sua posição contrária à resolução. A maneira como Leonardo, no papel de Presidente da APAFunk, referiu-se à resolução foi muito interessante, demonstrando a arbitrariedade da resolução 013 e seu embasamento indireto em uma lei de 1968, ou seja, apontando-a como resquício do Regime Militar e da falta de liberdade do cidadão carioca em uma época, a atual, em que a censura estaria (ou deveria estar) virtualmente extinta.

Por apresentar claramente um tom de oposição aos atuais governos do Estado e da Cidade do Rio de Janeiro, em diversos momentos durante esta roda de funk do Aterro do Flamengo foi cantado o bordão “Quem não pula é Governista, Quem não pula é Governista...”, enquanto as pessoas pulavam conjuntamente ao ritmo da música.

Mas o que mais me chamou a atenção enquanto pesquisador nesta roda (obviamente somado a experiência das rodas anteriores e outros eventos vinculados ao funk carioca em que estive presente nos últimos três anos) foi a alegria dos participantes. Não era possível ficar parado após três horas intensas de funk carioca cantado ao vivo. Base eletrônica que variava entre o tamborzão, o *beatbox* e o *voltmix*, com MCs cantando sem grandes recursos de arranjos ou outros instrumentos: a crueza característica do funk carioca ajuda a acentuar uma descarga emocional intensa. O funk é “música na veia”, e assistir a uma roda como esta significa, em algum momento, deixar de lado a sisudez tão característica da academia e juntar-se às pessoas (das classes populares ou abastadas) em movimentos repetidos e sensuais. Em maior ou menor grau, o funk mistura... E este movimento ocorre a partir do princípio básico da alegria comunal, comunitária, em que um acordo tácito se estende de forma não verbalizada. Ali, somos todos cariocas, compartilhando uma comunidade de sentido e, mais do que isto, do sentir, que dificilmente outro ritmo consegue fazer no Rio de Janeiro contemporâneo. Se o samba possui esta característica também, e claramente possui, por outro lado participa da paisagem sonora do Rio de Janeiro já como elemento tradicional de nossa “carioquice”. O funk ainda precisa pedir licença, por entre muitos preconceitos com relação às favelas e seus moradores; porém, “o som de preto e favelado”, como diz a própria canção, não deixa ninguém parado. E vai envolvendo não através da racionalidade, mas através de uma forma sensível compartilhada pelos moradores do Rio de Janeiro contemporâneo.

Em uma época de “inflação da informação e deflação do sentido”, como já afirmara Baudrillard (1991) há cerca de trinta anos a respeito das possibilidades comunicacionais do nosso tempo, proliferam gêneros musicais de instrumentalidade eletrônica onde a palavra necessita ser relativizada pelos críticos e estudiosos de música. O funk apresenta diversos discursos, sem dúvida, mas há uma forma sensível em sua composição, compartilhada por quem a recebe nas pistas e mesmo através do rádio, que favorece uma escuta onde uma análise tradicional e racional de determinados elementos contidos nas letras pouco conseguiria apontar com relação ao próprio gênero. É no caráter antropológico da experiência compartilhada que se é possível compreender a força deste gênero, tão difundido no Rio de Janeiro e que já conseguiu inclusive conformar cenas musicais em outros estados, tais como Minas Gerais e Paraná.

A roda de funk, neste sentido, é um espaço privilegiado de observação, pois invoca o sentido carioca da informalidade da roda de samba, embora de modo consistentemente tecnológico, utilizando-se de uma aparelhagem atual e composta por *mixers*, *CD-Js*, às vezes *pick-ups* e o impressionante e musical MPC⁸. Mas uma coisa que chama a atenção nas rodas de funk promovidas pela APAfunk é que elas conseguem “mixar” o caráter político de suas lutas e manifestações a uma alegria típica da forma sensível do funk carioca.

2. O *bios politikos* revisitado através da música e da comunicação

A Apafunk surgiu em 2008, quando a pesquisadora Adriana Facina, professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, à época desenvolvendo um trabalho de Pós-Doutorado em Antropologia Social no PPGAS do Museu Nacional/UFRJ orientada pelo professor Gilberto Velho, convocou uma reunião no *playground* de sua residência, em Niterói, juntamente com funkeiros que estavam fora da grande mídia naquele momento. Nomes como MC Leonardo e MC Teko participaram daquele encontro. Na reunião tocou funk e, segundo alguns dos MCs presentes, houve também um episódio desagradável, quando vizinhos da pesquisadora reclamaram da presença daqueles MCs no prédio de classe média. Por outro lado, começava a se desenvolver ali uma perspectiva de luta política que englobava diferentes segmentos da sociedade civil, pessoas de diferentes

⁸ O MPC, da fabricante Akai, é uma espécie de sequenciador sonoro com múltiplas funções. Atua a partir de *samples*, como um *sampler* comum, mas permite uma manipulação radical destes elementos sonoros em tempo real. Há vários modelos cuja nomenclatura varia a partir de números. Um exemplo impressionante de uso musical da MPC pode ser visto no site *Youtube*, em vídeo da Furacão 2000, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=dnLWQZSZUtM>, última consulta em 29/06/2012.

classes sociais e/ou origens territoriais (pensando na dicotomia favela/asfalto e também nas diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro). Facina, quando se refere a este episódio, costuma apontar o fato de serem negros e oriundos de favelas participando de uma festa em prédio de classe média o que incomodou os vizinhos. Obviamente, além dos cidadãos em si, a forma cultural que os simbolizava naquele momento, o funk, estaria sendo demonizada pelos vizinhos.

Há, de fato, uma complexa relação entre glamourização e demonização do gênero funk carioca pelos meios de comunicação e que se reflete no (ou reflete o) senso comum das classes sociais mais abastadas. Herschmann já havia apontado esta relação em seu livro sobre o assunto, o primeiro do Campo da Comunicação a abordar este gênero musical (HERSCHMANN, 2005). Na maior parte do tempo, o funk, quando aparece nos setores de classe média e, principalmente, nos meios de comunicação de massa, é, senão demonizado, ao menos depreciado. Porém, na efemeridade da espetacularização midiática (tão apontada por autores como Debord e Kellner) há espaço para o grotesco, a caricatura e (por que não?) para gêneros musicais a serem consumidos e descartados instantaneamente. Se o funk carioca não é exatamente levado a sério pelos *media* (como exemplo principal, pensemos: quantos especiais dedicados a um compositor do funk já foram levados ao ar em grandes redes de televisão nos últimos 25 anos?⁹).

Assim, se o funk está difundido também midiaticamente e, neste sentido, o rádio é o meio de comunicação privilegiado de difusão do funk como gênero musical e de exposição das principais equipes de som que promovem bailes deste gênero, nota-se uma coisa interessante: o funk quase não está espalhado pela programação de rádio, mas muitas vezes ele se encontra concentrado em horários e programas específicos da emissora. Um exemplo é a FM O Dia, (100,5), líder de audiência do *dial* carioca. O programa da Furacão 2000¹⁰ entra no ar de segunda à sexta, das 16:00 às 18:00h, e toca diversas músicas de funk dos artistas contratados pela equipe Furacão 2000. Porém, não se ouve funk comumente ao longo da programação da rádio, fora do horário destinado ao funk carioca. Além disso, se o

⁹ Houve um especial que a Rede Globo de televisão exibiu há poucos anos a respeito da História da dupla Claudinho e Buchecha. Porém, apesar deste ser um exemplo concreto e indiscutível de um programa inteiro dedicado a um artista ou grupo de funk, há que se levar em conta o caráter trágico contido na história da dupla, que foi interrompida abruptamente com a morte de Claudinho em um acidente de trânsito. A história estaria completamente adequada ao caráter de *fait-divers* apresentado pelos *media* e possui um apelo emotivo muito forte. Ainda assim, Claudinho e Buchecha podem ser citados também como os maiores expoentes do funk carioca em termos de vendas, pois conseguiram bater a marca de um milhão de cópias vendidas de seu primeiro disco, cujo título é o nome da dupla e foi lançado em 1996. Constituem, portanto, uma exceção.

¹⁰ A respeito deste programa e da relação do funk carioca com o rádio, o autor deste artigo apresentou um trabalho no XXXIV INTERCOM. O trabalho está disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1928-1.pdf>, última consulta em 29/06/2012.

programa da Furacão 2000 privilegia os artistas contratados pela marca, todos os outros funkeiros estão necessariamente excluídos. Esta lógica também é aplicada a outras equipes/DJs/empresários/produtores do funk carioca. Deste modo, o espaço destinado ao funk pelos *media* acaba funcionando muito mais a partir da lógica econômica de ocupação de espaços por empresários que gerenciam um negócio lucrativo do que a partir da lógica cultural de que há uma diversidade muito grande de discursos e músicas de funk sendo renovadas constantemente.

A APAFunk, cujo nome é a sigla para Associação de Profissionais e Amigos do Funk, destina-se justamente a buscar maior visibilidade para o gênero musical e seus artistas, preparando-os para negociar seus próprios contratos de gravação (fonográficos) e de apresentações, visto que os MCs com maior experiência e tempo de carreira já se viram em diversas situações de exploração por parte dos empresários do gênero musical em questão. Um grande empresário e DJ do funk carioca destina (segundo vários MCs) cerca de 4% dos contratos relativos a fonogramas para os MCs contratados (em alguns casos, duplas ou grupos de MCs); outro importante empresário do funk carioca destina 0% dos contratos relativos a fonogramas para os MCs contratados. Deste modo, estes MCs só conseguiriam alguma remuneração por seu trabalho artístico através das apresentações ao vivo em bailes etc. A APAFunk, desde o seu início, procurou desenvolver um trabalho de conscientização a respeito de direitos trabalhistas e de como cuidar de uma carreira sem submeter-se a contratos deste tipo. Esta conscientização culminou no lançamento da Cartilha dos MCs, em 19 de dezembro de 2009, intitulada “Liberta o pancadão”¹¹ (LAIGNIER, 2010).

Além da cartilha em questão, a APAFunk foi a grande articuladora do histórico encontro de 1º de setembro de 2009, uma terça-feira, em que os MCs, empresários, produtores, pesquisadores, ou seja, profissionais e amigos do funk em geral, estiveram presentes à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ). Este evento obteve uma matéria de página inteira e bastante destaque (capa do Segundo Caderno, o caderno cultural do jornal) no jornal impresso O Globo do dia seguinte. O Blog da APAFunk noticia os desdobramentos deste evento de 1º de setembro de 2009:

¹¹ A cartilha pode ser acessada na íntegra no site da Revista Vírus Planetário, parceira da APAFunk nas manifestações políticas dos últimos anos. Disponível em: http://issuu.com/virusplanetario/docs/cartilha_apafunk_internet?mode=embed&layout=http%3A%2F%2Fskin.issuu.com%2Fv%2Fflight%2Flayout.xml&showFlipBtn=true, última consulta em 29/06/2012. Também pode ser acessada na seção de cartilhas (há mais duas cartilhas elaboradas pela APAFunk ou por integrantes da Associação) do site da APAFunk. Disponível em: http://apafunk.org.br/a_apafunk.html, última consulta em 29/06/2012.

Funk também passa a ser definido como movimento cultural. Textos foram publicados no Diário Oficial desta quarta (23)¹².

O funk agora é, por definição da lei, movimento cultural. A informação está no Diário Oficial desta quarta (23), que também confirma a sanção de outra lei, a de número 5.544/09, que revoga o texto que criava normas para a realização de eventos como raves e bailes funk em comunidades do Rio.

No dia 1º de setembro, os deputados estaduais votaram a favor dos dois projetos de lei. Ao fim da audiência da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), deputados e funkeiros presentes cantaram e dançaram o funk "Rap da felicidade"¹³.

Com relação a outras conquistas da APAFunk, na seção de seu site intitulada “A APAFunk”, que explica em que consiste esta, há um texto a respeito destas conquistas que incluem um edital público que contempla projetos sobre funk carioca e a Rio Parada Funk, cuja primeira edição, em 2011, levou, durante um domingo inteiro, o funk ao centro do Rio de Janeiro, com diversas apresentações de MCs e DJs. O texto na página da APAFunk afirma que

em nossa pequena trajetória, já conquistamos a Lei Funk é Cultura (Lei 5543/2009), um marco definidor do início da mudança da relação do Estado com os funkeiros: ao invés de repressão, exigimos respeito, fomento e incentivo. No embalo dessa conquista, nasceram os primeiros editais do governo do estado voltados diretamente para a cultura funk, o primeiro programa com programação de funk carioca em uma rádio pública, além do maior baile funk da história: o Rio Parada Funk. Isso só para dar alguns exemplos!¹⁴

É interessante também ver o que a própria APAFunk afirma sobre qual o objetivo desta associação. A este respeito, o primeiro parágrafo mesmo texto citado acima, elucida:

“A APAFunk não é modismo, é uma necessidade...” A APAFunk foi fundada em 10 de dezembro de 2008, por profissionais e amigos do funk cansados de assistir à discriminação sem fazer nada. O intuito é defender os direitos dos funkeiros e lutar pela Cultura Funk, contra o preconceito e a criminalização. Para isso, a Associação promove debates na sociedade sobre a situação dos artistas do funk, bem como atividades de conscientização dos funkeiros sobre seus direitos. Rodas de funk, palestras e vídeos são alguns instrumentos utilizados pela associação para levar a mensagem da Associação para universidades, escolas, cadeias, favelas, praças, ruas e todas as instituições da sociedade que abram espaço para debater a nossa cultura.¹⁵

Fica evidente, pelo trecho acima apresentado, que o trabalho da APAFunk se constitui como um trabalho de cunho político organizado. Herschmann já havia chamado a atenção para o fato de que o funk constituía-se como elemento político em alguma medida, mesmo que sem uma organização política estrita (HERSCHMANN, 2005). Agora, porém, a

¹² A data em questão é quarta-feira, dia 23 de setembro de 2009, cerca de três semanas após o evento citado.

¹³ Trecho retirado do texto encontrado no blog da APAFunk em formato de *post*, atribuído à própria APAFunk. Disponível em: <http://apafunk.blogspot.com.br/2009/09/lei-que-libera-bailes-funk-em.html>, última consulta em 29/06/2012.

¹⁴ Disponível em: http://apafunk.org.br/a_apafunk.html, última consulta em 29/06/2012.

¹⁵ Disponível em: http://apafunk.org.br/a_apafunk.html, última consulta em 29/06/2012.

APAFunk consolidou uma organização política de fato, incluindo articulações com deputados e movimentos sociais. Na roda de funk do Aterro do Flamengo, citada na seção anterior, MC Leonardo falou nomes dos parceiros da APAFunk ao microfone e ressaltou a importância de uma articulação da associação com outras instâncias da militância política atual, demonstrando o caráter de mobilização coletiva de qualquer luta política.

Segundo Sodré (2002), os gregos possuíam duas palavras para vida: *bios* e *zoé*. Se *zoé* seria a vida em um sentido mais biológico, o ser humano enquanto ser vivo, *bios* seria a vida enquanto elemento social, ou seja, a vida na *Polis* (correspondente na Grécia Antiga do que hoje conhecemos como cidade). Aristóteles, ao buscar a definição de uma vida equilibrada, plena, chamou a atenção para os três *bios* essenciais para uma existência plena: “*bios theoretikos* (vida contemplativa), *bios politikos* (vida política) e *bios apolaustikos* (vida prazerosa, vida do corpo)” (SODRÉ, 2002, p. 25).

Deste modo, pode-se afirmar que a política é uma atividade essencial da vida em sociedade. Nas sociedades contemporâneas, apesar de uma visão desgastada da política por parte de muitos cidadãos (e não se está falando de nenhum lugar específico, mas de uma tendência apontada por muitos autores no mundo globalizado), mais do que abolir a política das discussões cotidianas, parece ser mais interessante e relevante rever as estratégias políticas e as formas de aproximação entre políticos e cidadãos.

Thompson (2008) apresenta um panorama midiático da política em que os meios eletrônicos (a televisão) representam um corte profundo nas noções de público e privado. A visibilidade na política contemporânea, segundo este autor, não é mais baseada nas relações de co-presença na maior parte do tempo.

Com relação a APAFunk, pode-se afirmar que seus ativistas partiram de demandas cotidianas do mundo do trabalho e de demandas sociais mais profundas tal como o reconhecimento de suas escolhas culturais e de seus locais de origem e vem aprimorando um discurso político que já apresenta conquistas notáveis. Um dos elementos fundamentais da discussão política da APAFunk são as divertidas rodas de funk já citadas, em que o componente político se mistura à alegria.

3. Da racionalidade política à alegria do funk

O componente fundamental e que dá sentido às rodas de funk é a reunião de funkeiros que, em geral, estão fora dos grandes meios de comunicação corporativos e sem contratos com os grandes empresários do funk carioca. Com poucos espaços para se apresentar, estes MCs encontram na roda de funk a possibilidade de cantar para um público heterogêneo, tanto suas canções conhecidas, antigos sucessos de rádio dos anos 1990, quanto suas novas composições. A primeira geração do funk carioca, nestas rodas, se mistura a MCs jovens e até mesmo rappers, como já foi dito na primeira seção desta artigo.

Os discursos políticos, de extrema seriedade e que trazem informações importantes para o público presente, são entremeados por música funk. Os diversos funks cantados fazem com que o público cante junto, dance e compartilhe de um elemento fundamental na identidade do Rio de Janeiro contemporâneo: o funk carioca. Mesmo com toda a estigmatização que este sofre por setores médios da cidade e até mesmo após a formação de novas cenas funkeiras em outros estados, o funk carioca está fortemente associado ao Rio de Janeiro, principalmente às suas favelas e subúrbios. Porém, como no Rio de Janeiro a situação geopolítica não delimita uma exclusão tão acentuada da periferia, estando as favelas espalhadas por boa parte do território da cidade (incluindo locais de alto poder aquisitivo, como a Zona Sul), o funk consegue estar sempre se comunicando com outros setores da cidade.

Esta música que circula na roda de funk, sem retirar o peso do discurso político, garante um estímulo à roda que transcende o elemento racional da política. Se a política é algo extremamente pragmático, um elemento de organização do cidadão na *polis* (ou cidade, território social etc), a música acrescenta a estas manifestações políticas um caráter lúdico e emotivo que não está calcado na retórica do discurso político. Mesmo que se possa afirmar que a política não é somente racional, encontrando na persuasão um elemento-chave para o convencimento do cidadão (algo que mesmo na Grécia Antiga poderia ser exemplificado a partir das disputas entre Sócrates e os Sofistas), não se está falando deste tipo de não-racionalidade quando se evidencia um elemento novo nas manifestações da APAFunk. Aqui, as letras de funk podem ou não ter uma relação direta com as lutas políticas apresentadas. Algumas músicas de funk que foram cantadas na roda do Aterro citada na primeira seção deste artigo nada tem da dimensão política em suas letras: verdadeiros exemplares do funk *melody* dos anos 1990, cujas letras abordam temas românticos, casos de amor, mulheres idealizadas, estas músicas eram entoadas por boa parte do público que lá estava, devido ao alcance midiático que obtiveram à época de seus

respectivos lançamentos. Obviamente, também foram cantadas na roda músicas que falavam de problemas das comunidades (neste caso, favelas) fluminenses. Havia música para diferentes gostos, dentro do universo funkeiro, mas predominantemente românticas e políticas. Algumas misturavam as duas coisas, como a famosa “Nosso Sonho”, da já citada dupla Claudinho e Buchecha.

É importante frisar que APAFunk faz palestras em universidades, participa de manifestações políticas em sentido mais tradicional, como a mobilização na ALERJ em 1º de setembro de 2009, citada na segunda seção deste artigo. Nestas, também, em algum momento, a música entra em cena. Mas nas rodas, a música é realmente o elemento central, que aglutina politicamente através da alegria. Não se cantam nestas rodas músicas sobre narcotráfico, de louvor ou pornográficas. O funk cantado em geral é acessível a diferentes camadas sociais (em termos de classe) e bastante convidativo em termos de participação do público presente (seja cantando ou dançando conjuntamente).

A questão da alegria misturada (ou mesmo como forma sensível que dá sentido) à política poderia ser confundida com o apelo emotivo de políticos profissionais de grandes partidos tradicionais. Há alguns anos, eram comuns showmícios com grandes cantores de gêneros populares em todo o Brasil. Porém, não havia organicidade entre a música que envolvia os eleitores e as propostas políticas em si. Eram músicos contratados ou que davam seu apoio aos candidatos de sua preferência. No caso das rodas da APAFunk, o que se vê é uma relação orgânica entre música e política, no sentido de que quem canta aquela música está diretamente envolvido com aquelas lutas por melhores condições de trabalho e de cidadania para si próprio.

Sobre a alegria enquanto conceito, Sodré (2006) apresenta uma visão de que a alegria é diferente da felicidade. Se esta pode ser entendida como um projeto que ganha corpo na modernidade europeia, a alegria pode ser encontrada em diferentes manifestações de povos distintos, com nomes diferentes: “A ideia de um transbordamento ou ultrapasse da consciência pelo destino ou por qualquer outra força maior faz-se presente na concepção de alegria, um dos movimentos mais vivos da sensibilidade, para o qual existem em latim termos diferenciados: *gaudium*, *laetitia*, *alacer*” (SODRÉ, 2006, p. 200).

Para Sodré, a felicidade está mais ligada a uma racionalização do bem-estar do sujeito diante de sua situação no mundo, ou seja, depende de “projeto” e “projeção”. Sem um projeto de felicidade, é difícil chegar à conclusão de que se é feliz. O autor, ao se referir a outros autores importantes do pensamento ocidental europeu, tanto na Antiguidade quanto

na Modernidade, afirma que “a felicidade é entendida, de modo não-religioso (diferindo, portanto, da beatitude ou bem-aventurança), como um estado de satisfação frente à situação do homem no mundo” (SODRÉ, op. cit., p. 202). Deste modo, a felicidade aponta realmente para algo que pode estar além ou aquém do momento presente. A busca pela vida plena citada na seção anterior está relacionada a uma busca por *eudaimonia* ou *to agathon*, ou seja, pelo fim supremo (felicidade), pelo Bem. Assim, a felicidade é algo “desejável, porque é algo que nos falta, mas não à maneira de um recurso para a obtenção de qualquer outra coisa, e sim por ela mesma, como uma finalidade absoluta, entretanto inatingível, por ser a pura esperança de um estado onde não exista o sofrimento” (id.)

Porém, a alegria não necessita de projeto, ela acontece. Depende da comunhão de pessoas e envolve o sentir, mais do que o sentido (em termos de Verdade e racionalização). Não são os significados racionais que proporcionam a alegria, mas os impulsos emocionais, os códigos de partilha de um sensível próprio de cada povo ou época. Portanto, a alegria se desenvolve numa temporalidade presente, do aqui-agora, na efemeridade do momento, enquanto a felicidade dialoga com memórias passadas, além de projetos e expectativas futuras:

A alegria não é retrospectiva, mas presente. Um prazer ou bem-estar circunstancial, sim, pode reportar-se ao passado e manifestar-se numa imagem do futuro. Não a alegria, enquanto gáudio profundo: esta *maneira* de extravasão afetiva, provocada pela concordância de todos os sentidos – reconhecível pelos sentimentos de júbilo, regozijo, gozo – surge de uma temporalidade própria, diferente da cronológica, como na celebração festiva, quando a alma ganha autonomia e força diante das agruras físicas e mentais. O real não emerge aí da temporalidade abstratamente criada e controlada pelo valor que ordena o mundo do trabalho. Da singularidade das coisas, no aqui e agora do mundo, advém, álcere, a sua presença (SODRÉ, op. cit., p. 204).

A música, portanto, é um dos elementos que pode proporcionar alegria por sua própria condição constitutiva. Toda música pode ou não ter letra, discurso reconhecível em termos semânticos, mas o que a caracteriza é sobretudo sua organização sonora. A partir dos sons e de sua organização, surgem elementos como o ritmo, a melodia e a harmonia, sendo a letra ou discurso um elemento acessório para que a música se constitua. É sempre bom lembrar que em boa parte da música popular ocidental a letra é um elemento presente. Na canção massiva, por exemplo, a letra não parece um elemento tão acessório assim. Mas o que a define está além do sentido, está no sentir. Deste modo, “A música permite-nos descortinar, pela pura sensibilidade, um cósmico e um biológico que carregamos em camadas profundas, inapreensíveis pela racionalidade instrumental. A sua visceral afinidade

com a alegria está precisamente nessa partilha do sensível e da condição de uma realização que se auto-engendra” (SODRÉ, op. cit., p. 220).

É importante ressaltar que Sodré apresenta o ritmo como um elemento fundamental da música e da liturgia afrodescendente: embora não esteja falando especificamente a respeito do funk carioca, este gênero possui no ritmo e em elementos culturais afrodescendentes uma parte importante de sua constituição enquanto gênero musical.

Considerações Finais

A análise da roda de funk do Aterro do Flamengo, somada a uma síntese da observação de outras rodas anteriores e de uma análise do trabalho que vem sendo desenvolvido pela APAFunk nos últimos quatro anos, permite concluir que: 1) é possível ser político e entreter ao mesmo tempo, principalmente quando o princípio que dá sentido à organização política (no caso a APAFunk) é um elemento de forte aglutinação e compartilhamento de elementos da ordem do sensível como a música; 2) o funk carioca já possui uma organização política constituída, a APAFunk, que vem obtendo conquistas importantes não somente para seus integrantes, mas para os profissionais e amigos do funk de um modo geral; 3) as rodas de funk são um elemento original e relevante tanto sob o ponto de vista político quanto sob o ponto de vista cultural; 4) para obter maior visibilidade para as rodas de funk e outras manifestações, a APAFunk precisou elaborar, junto a seus parceiros, elementos de comunicação midiática como blog, site e um programa de rádio que são elementos importantes da comunicação social contemporânea e que se pretende estudar mais detalhadamente em outro trabalho posterior, pois não caberia uma análise detalhada no espaço deste artigo; 5) A alegria é um dos elementos constitutivos do gênero musical funk carioca.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa, PT: Ed. Relógio d'Água, 1991.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Trad. Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo Ed., 2006.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo/Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto Ed., 1997.

DIAS, Marcia Tosta. **Os donos da voz**: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Boitempo Ed., 2000.

ESSINGER, Sílvio. **Batidão**: uma história do funk. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

KELLNER, Douglas. “Cultura da mídia e triunfo do espetáculo”. In: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006, p. 119-147.

LAIGNIER, Pablo. **APAFunk**: desenvolvendo a cidadania através de um gênero de música popular. Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, setembro de 2010.

_____. **Funk carioca e rádio**: uma relação paradoxal. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, PE, setembro de 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Ed. Gradiva, 2003 (Coleção Trajectos).

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **The medium is the message**: an inventory of effects. Corte Madera, CA: Gingko Press, 2001.

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca**: crime ou cultura? São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2006.

NEGUS, Keith. **Music genres and corporate cultures**. New York, US: Routledge, 2005.

PAIVA, Raquel. “Para reinterpretar a comunicação comunitária”. In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.

SÁ, Simone Pereira de. **Funk carioca**: música eletrônica popular brasileira?! Trabalho apresentado no GT Mídia e Entretenimento da XVI COMPÓS, UTP, Curitiba, 2007.

SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito”. In: **Mana: estudos de antropologia social**, vol. 11, no2, outubro de 2005, p. 577-592.

_____. “Subjective Culture”. In: LEVINE, Donald (org.). **On Individuality and Social Forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971a.

_____. “Group Expansion and the development of individuality”. In: LEVINE, Donald (org.). **On Individuality and Social Forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971b.

SLOTERDIJK, Peter. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Mauad Ed., 1998.

_____. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

_____. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 2005.

_____. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão – 9 ed. – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.

_____. “Projeto, Emoção e Orientação em sociedades complexas” In: **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008b, p. 13-38.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do livro, 1989.